

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO
PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

| o | s | e | s | p |

Domingos com a Oseesp

Revista

Uirapuru

12 de abril

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 8



O primeiro **Domingos com a Osesp** reúne três óperas que, cada uma à sua maneira, nos fazem pensar sobre o que sentimos e aquilo que o mundo nos permite viver. Em *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner, o amor surge como uma força absoluta, intensa demais para caber no mundo real, sempre em busca de algo que nunca se completa, até encontrar, na morte, uma forma de realização. Já em *Pelléas e Mélisande*, de Claude Debussy, o amor é quase o oposto: frágil, silencioso, feito de gestos e de não ditos, tão delicado que se dissolve antes mesmo de se afirmar plenamente. Por fim, em *A mulher sem sombra*, de Richard Strauss, o amor aparece como algo que precisa se transformar para existir de verdade, e só se realiza quando abre mão da posse e se afirma como escolha, compaixão e humanidade.

12 de abril

domingo

11h

**Sala
São
Paulo**

**Orquestra Sinfônica do
Estado de São Paulo - Osesp**

Fabien Gabel regente

Sandra Annenberg narração

Ernesto Paglia narração

Jeffis Carvalho roteiro

Amores impossíveis

RICHARD
WAGNER
1813-1883

Tristão e Isolda: Prelúdio e Morte de amor
1857-1859
17 minutos

CLAUDE
DEBUSSY
1862-1918

Pelléas e Mélisande: Suíte
[Arranjo de Alain Altinoglu]
1902 [Arr. 2017]
19 minutos

RICHARD
STRAUSS
1864-1949

Fantasia sinfônica sobre “A mulher sem sombra”
1947
15 minutos

RICHARD WAGNER

Alemanha, 1813 – Itália, 1883

Tristão e Isolda: Prelúdio e Morte de amor

1857-1859

Instrumentação

piccolo
3 flautas
2 oboés
corne-inglês
2 clarinetes
clarone
3 fagotes
4 trompas
3 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
harpa
cordas

E se o amor verdadeiro for grande demais para este mundo?

O cavaleiro Tristão recebe a incumbência de trazer a princesa Isolda ao seu país para que se case com seu tio, o rei Marke. Inebriados por uma poção mágica originalmente destinada ao rei e à princesa, esta e o cavaleiro se apaixonam perdidamente. Em um trágico e impossível romance, que se concretiza em segredo, Tristão acaba ferido em batalha, e morre esperando por Isolda que, ao sabê-lo nesse estado, entrega-se à morte em êxtase – a célebre “morte de amor”.

“A lenda medieval do amor impossível entre o nobre cavaleiro Tristão e a bela princesa Isolda ganha densidade filosófica e expressividade romântica na ópera de Richard Wagner – uma obra que, como escreveu Bruno Walter a Thomas Mann, ‘já quase não é mais música’. Estreada em 1865, essa ‘música do futuro’ reflete a conturbada vida afetiva do compositor e o impacto de Schopenhauer [1788-1860], para quem a música não seria ‘cópia da manifestação da vontade, mas cópia direta da própria vontade.”

Jorge de Almeida

Doutor em filosofia, professor de teoria literária e literatura comparada na USP e professor colaborador da Academia de Música da Osesp.

**AMBOS**

Desce,
ó Noite de Amor,
concede o esquecimento
para que eu viva;
acolhe-me
em teu seio,
liberta-me
do mundo!

TRISTÃO

Apagam-se agora
os últimos clarões;

ISOLDA

o que julgávamos,
o que imaginávamos;

TRISTÃO

todo pensamento,

ISOLDA

toda lembrança,

AMBOS

o pressentimento glorioso
do sagrado crepúsculo
dissipa os temores imaginados,
redentor do mundo.”
(Ato 2, Cena 2)

Em uma ópera contada em três atos, Richard Wagner reinventa a história narrada pelo poeta Gottfried von Strassburg [1180–c.1210]. A obra se conecta em movimentos circulares, com melodias reincidentes em um dramático tema central que é a assinatura da obra (os chamados leitmotives). A harmonia parece precisar de alguma coisa faltante, como se estivesse suspensa, contida, representando o desejo entre os infelizes amantes, que se concretiza apenas na morte. A orquestra mantém essa angústia por toda a obra, à espera de uma resolução. De forma trágica, a melodia encontra seu destino final, agora não mais contida, juntamente com a pobre Isolda. Wagner buscou traduzir o sentimento de sentir amor sem poder concretizá-lo, mudando a história da música para sempre.

“Mas o que torna essa ópera também revolucionária não é apenas o enredo. É uma única sequência de quatro notas, logo no primeiro compasso: o chamado **acorde de Tristão**. Esse acorde é perturbador porque *não resolve*. Na música clássica, acordes tensos pedem uma conclusão, uma chegada ao repouso. O acorde de Tristão nega isso – ele cria uma tensão que demora horas para encontrar alívio, espelhando a própria angústia dos personagens, que desejam o que não podem ter. Para os músicos de 1865, aquilo soa quase como uma ruptura com as regras. E é. O acorde abriu caminho para a música moderna do século XX, influenciando desde Richard Strauss e Claude Debussy até o jazz e a trilha sonora dos filmes.”

Jeffis Carvalho

Jornalista, roteirista, pesquisador de cinema e consultor de comunicação.

Pelléas e Mélisande: Suíte [Arranjo de Alain Altinoglu]
1902 [Arr. 2017]

Instrumentação

piccolo
3 flautas
2 oboés
corne-inglês
2 clarinetes
3 fagotes
4 trompas
3 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
percussão
harpas
cordas

E se o amor for tão delicado que nem palavras conseguem segurá-lo?

O príncipe Golaud se casa com Mélisande, mas ela se afeiçoa a seu irmão mais novo, Pelléas; o sentimento cresce até culminar em uma paixão sem tamanho. Enciumado, Golaud faz de tudo para descobrir a verdade sobre a relação que o irmão e a esposa, agora grávida, mantêm. Pelléas decide partir mas, antes, marca um último encontro com Mélisande. Diante da separação, ambos confessam a profundidade de seu amor, e Golaud, que os observava em segredo, assassina o próprio irmão. Mélisande dá à luz e morre pouco depois.

“O belga Maurice Maeterlinck [1862-1949], o representante mais importante do Simbolismo na dramaturgia, publicou *Pelléas e Mélisande* em 1892. A peça foi vista por Debussy em 17 de maio do ano seguinte que, de tão impactado pelo texto, imediatamente começou a trabalhar em uma ópera sobre o drama. O libreto, do próprio Maeterlinck, é a transposição quase que palavra por palavra de seu texto, o que exigiu de Debussy a criação de uma música totalmente nova para o cenário operístico da época, dominada pelo verismo italiano de um lado e pelo wagnerismo de outro.”

Marco Aurélio Scarpinella Bueno

Médico e pesquisador musical. É autor, entre outros livros, de *Paul Hindemith: Música por Inteiro*. (Tipografia Musical, São Paulo, 2018).



PELLÉAS

Eu te amo.

MÉLISANDE

Eu também te amo.

PELLÉAS

Oh... que disseste, Mélisande? Mal pude ouvir... Foi como se o gelo se partisse sob o ardor do fogo... Dizes isso com uma voz que vem do fim do mundo... Quase não te escutei... tu me amas? Também me amas? Desde quando me amas?

MÉLISANDE

Desde sempre...

[Ato 4, Cena 3]

A ópera conta com passagens tão sutis que o cenário geral termina se construindo pelas minúcias, pela leveza sugestiva. É nos pequenos detalhes e nas nuances orquestrais que *Pelléas e Mélisande* se firma como uma das grandes obras de Debussy. Rememorando o passado, o regente Alain Altinoglu, em 2017, elaborou uma suíte – um conjunto de peças curtas – tendo como base alguns dos momentos centrais da obra: o primeiro encontro de Golaud e Mélisande; a perda da aliança de casamento de Mélisande no poço; o encontro de amor entre o casal; o trágico desfecho da ópera.

“Enquanto a ópera tradicional usa a música para sublinhar emoções com força – heróis gritando seu amor, vilões com temas sombrios –, Debussy fez o oposto: a música recua para dentro do silêncio e da névoa. Em vez de melodias grandiloquentes, ele cria harmonias flutuantes, acordes que não resolvem, temas que aparecem e desaparecem como sombras. A orquestra não conta o que os personagens sentem – ela sugere, insinua, deixa em aberto. Como um sussurro, não um grito. O resultado é que o espectador nunca sabe com certeza o que aconteceu – e a música reforça exatamente essa ambiguidade. Amor? Ciúme? Morte? A partitura não responde. Ela apenas *paira*. Debussy chamava isso de ‘a música do inexprimível’ – e com *Pelléas*, ele inventou uma linguagem sonora nova: chamada de impressionista, etérea, radicalmente moderna.”

Jeffis Carvalho

Fantasia sinfônica sobre “A mulher sem sombra”

1947

Instrumentação

piccolo
4 flautas
2 oboés
corne-ínglês
3 clarinetes
clarone
corno di bassetto
3 fagotes
contrafagote
4 trompas
4 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
percussão
celesta
órgão
2 harpas
cordas

E se o caminho para o amor não for a posse, mas a renúncia?

A fantasia sinfônica de *A mulher sem sombra* cerca os momentos mais centrais do libreto de Hugo von Hofmannsthal. A Imperatriz, filha de Keikobad, senhor do mundo sem sombra, ao casar-se com o Imperador, abriu mão do mundo espiritual, mas sem alcançar a plena forma humana, atestada pela ausência de sombra (metáfora para a capacidade de gerar herdeiros). Enfrentando a ira de seu pai, a Imperatriz precisa roubar a sombra de outra mulher para evitar que seu marido se transforme em pedra. Em sua reflexão, porém, percebe que jamais poderia tornar-se humana tomando a humanidade de outra pessoa.

“A suíte sinfônica não narra cada passo da trama nem reconstitui suas cenas, mas preserva o drama ético da ópera: a orquestra interpreta a ação, comentando suas reviravoltas e tornando audível o conflito interior das personagens, como registro de mudanças de consciência e tomadas de decisão. Assim, o ouvinte acompanha a dinâmica entre dois planos distintos: o mundo ‘elevado’ do casal imperial e a esfera cotidiana do casal de trabalhadores. É desse choque que surge a energia do colorido discurso orquestral, em contrastes de textura e densidade, longos arcos harmônicos e pontos culminantes que sugerem conflito, crise e possibilidade de reconciliação.”

Jorge de Almeida



GUARDIÃO DO LIMIAR

Diga 'eu quero',
e a sombra daquela mulher será sua.
E este homem se erguerá,
ganhará vida
e irá com você!
E, como prova disso,
abaixe-se e beba!

BARAK

Ah, como sou miserável!

A MULHER DO TINTUREIRO

Tenha piedade!

IMPERATRIZ

Eu – não – quero!
(Ato 3)

Mantendo o drama original, é possível sentir as emoções da trama através da melodia, em um claro contraste entre o mundo humano e o sobrenatural. Mesmo sem as vozes potentes tradicionais do universo operístico, os instrumentos convergem uns com os outros, exibindo texturas e densidades sinfônicas. Aqui, a orquestra é a ação, refletindo a infelicidade daquilo que não se pode ter, a angústia diante das ameaças, a ganância da conquista e, por fim, a beleza por trás do ato de se colocar no lugar do outro.

“Strauss compôs uma partitura com muitos temas, que funcionam como pequenas frases musicais que identificam cada personagem, cada emoção, cada ideia. É quase como um código secreto: toda vez que a orquestra toca certo motivo, a gente sente – antes mesmo de ver – o que está acontecendo no palco. A música passa de mundos mágicos, com timbres etéreos e brilhantes, para o mundo humano mais rude, quente, percussivo. Essa diferença de texturas sonoras não é decoração: ela *mostra* a distância entre o sobrenatural e o humano que a personagem precisa cruzar. No clímax da obra, quando a imperatriz recusa uma sombra obtida pelo sofrimento alheio, a orquestra explode em um dos momentos mais tocantes de toda a história da ópera. É como se a música dissesse: a verdadeira humanidade não está em ter filhos – está em escolher a compaixão.”

Jeffis Carvalho



Acesse a esta e às demais edições da Revista Uirapuru.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdã, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo Selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Fabien Gabel
regente

Regente Principal da Orquestra Tonkünstler, Gabel já regeu as Orquestras de Paris e de Cleveland, as Filarmônicas de Londres e Seul, a NDR Elbphilharmonie, a Filarmônica Real de Estocolmo e as Sinfônicas de Montreal, Chicago e Melbourne. Nesta temporada, retorna às Sinfônicas de Chicago, Indianápolis, Malmö, Utah e da Cidade de Birmingham. Ele também estreia no Festival Internacional de Música de Tongyeong, na Coreia do Sul. Vencedor do concurso de regência Donatella Flick em 2004, já foi Regente Assistente da Sinfônica de Londres e Diretor Musical da Sinfônica do Québec e da Orquestra Jovem Francesa. Gabel liderou o projeto musical do filme épico *Napoléon* [1927], de Abel Gance, com a Orquestra Nacional da França e a Filarmônica da Rádio França – a primeira parte do filme foi apresentada no Festival de Cannes de 2024 e distribuída na televisão francesa e na Netflix. Foi nomeado pelo governo francês Cavaleiro das Artes e das Letras em 2020, além de trabalhar regularmente com as principais orquestras de Paris.



Sandra Annenberg
narração

Formada em jornalismo pela FIAM, iniciou sua carreira como repórter aos 14 anos, no programa *Crig-Rá* da TV Gazeta. Também atuou como atriz em seriados, novelas e minisséries como *Tarcísio & Glória*, *Pacto de sangue*, *República*, *Cortina de Vidro* e *Mandacaru*. Apresentou diversos programas na televisão, como *Vitória*, *Show do Esporte*, *TV Franchising* e *Super Esporte*. Aos 23 anos, estreou no *São Paulo Já*, da Rede Globo, como comunicadora de clima. Estreou como apresentadora do tempo no *Jornal Nacional* e se tornou a primeira mulher a ter um quadro fixo nesse jornal. Também foi apresentadora do *Fantástico* de 1993 a 1996. Trabalhou como âncora e editora executiva do *Jornal Hoje*. Cobriu os Jogos Olímpicos de Atlanta, e trabalhou no *Jornal da Globo*, no *Jornal Hoje*, no *Globo Notícia* e no *Globo Repórter*. Ganhou o Prêmio Mulher Imprensa [2008, 2009, 2014 e 2016] e o troféu de Melhor Jornalista na premiação Melhores do ano [2013].



Ernesto Paglia
narração

Iniciou a carreira jornalística na Rádio Jovem Pan, sendo contratado pela Rede Globo em seguida. Cobriu as Copas do Mundo na Espanha [1982], México [1986], Itália [1990], Estados Unidos [1994], Japão e Coreia [2002], Alemanha [2006], África do Sul [2010] e Brasil [2014]. Formou-se jornalista pela ECA-USP. Entre 2010 e 2014, participou da equipe que desenvolveu a primeira minissérie jornalística da Globo, o projeto *Globo mar*. Ganhador do Prêmio Comunique-se na categoria Melhor Repórter Televisivo [2004, 2007, 2009, 2011 e 2017], também recebeu o Prêmio Internacional de TV de Sevilha, na Espanha. Autor do livro *Diário de Bordo – JN no Ar – Cruzando o país numa cobertura histórica*, cobriu as Olimpíadas de Barcelona [1992], Atlanta [1996], Pequim [2008] e Rio de Janeiro [2016]. Realiza palestras e documentários independentes, além de ser apresentador do programa *Roda viva*, da TV Cultura.



Todos os instrumentos
contam diversas histórias.
Inclusive as suas.

o

s

e

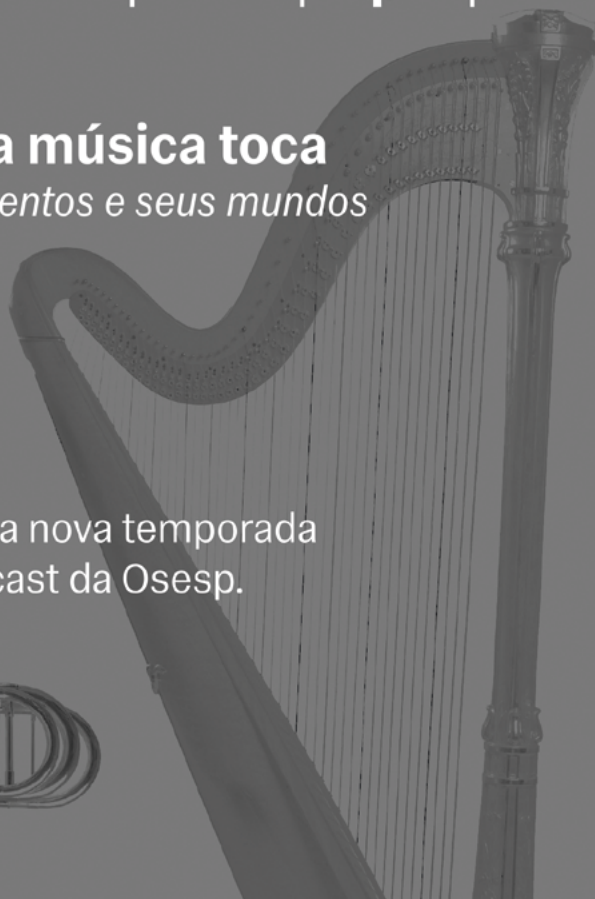
s

p

Aqui a música toca
Instrumentos e seus mundos



Confira a nova temporada
do podcast da Osesp.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Diretor Musical e Regente Titular

Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**

Davi Graton **spalla convidado**

Yuriy Rakevich **solista -
primeiros violinos**

Adrian Petrutiu **solista -
segundos violinos**

Amanda Martins **solista -
segundos violinos**

Leandro Dias **solista -
segundos violinos***

Igor Sarudiansky **concertino -
primeiros violinos**

Matthew Thorpe **concertino -
segundos violinos**

Abner Landim**

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Elena Klementieva

Eliana Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spássova

Leandro Dias

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Monique Cabral**

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Simone Elenciu**

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer **solista | emérito**

Maria Angélica Cameron
concertino

Peter Pas **concertino**

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**

Heloisa Meirelles **concertino**

Rodrigo Andrade **concertino**

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Ivan Genov***

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Mariálbi Trisolio

Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles **solista | emérita**

Pedro Gadelha **solista**

Marco Delestre **concertino**

Max Ebert Filho **concertino**

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torezan

Jefferson Collacico

Leonardo Lima***

Ney Carvalho

Flautas

Claudia Nascimento **solista**

Fabíola Alves **piccolo**

Lincoln Sena **piccolo**

Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk **solista | emérito**

Ricardo Barbosa **solista**

Natan Albuquerque Jr. **corne-inglês**

Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**

Sérgio Burgani **solista | emérito**

Nivaldo Orsi **clarone**

Daniel Rosas **requinta**

Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**

José Arion Liñarez **solista**

Romeu Rabelo **contrafagote**

Francisco Formiga

Natalia Kaiti***

Trompas

Luiz Garcia **solista**

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

Trompetes

Marcos Motta **solista**

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

Matheus Mendes***

Trombones

Darcio Gianelli **solista**

Wagner Polistchuk **solista |
emérito**

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba

Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande **solista |
emérita**

Rubén Zúñiga **solista**

Percussão

Ricardo Righini **1ª percussão**

Alfredo Lima

Armando Yamada

Maria Fernanda Ribeiro***

Harpa

Liuba Klevtsova **solista**

Convidados deste programa

Tiago Vieira **viola**

Tiago Meira **flauta**

Edmilson Gomes **trompete**

Thiago Lamattina **percussão**

Soledad Yaya **harpa**

Cecília Moita **celesta**

Felipe Bernardo **órgão**

* cargo interino

** cargo temporário

*** acadêmico da Osesp

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

12 DE ABRIL DE 2026

Hercules Gomes: Recital

Na Estação Motiva Cultural, o pianista resgata memórias de clássicos compositores nacionais, como Chiquinha Gonzaga, Amélia Brandão Nery, Pixinguinha, Ernesto Nazareth e muito mais, mesclando passado e atualidade ao incorporar suas próprias composições no repertório.

16, 17 E 18 DE ABRIL DE 2026

A atmosfera de Ligeti e a apoteose de Beethoven

Com obras de Ligeti, Nathalie Joachim e Beethoven, a Osesp, regida por Elena Schwarz, mergulha na música contemporânea, dialoga com sonoridades da diáspora africana e encerra emergindo com um clássico: a *Sétima sinfonia* de Beethoven.



Agenda completa e ingressos

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento. O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.


No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.


Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.




Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

www.osesp.art.br


 @osesp_


 /osesp


 /videososesp

 @osesp


escute a osesp

 spotify


 apple music

 deezer


 amazon music


 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru - Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Imagens

P. 3 *Hellelil e Hildebrand, o encontro nas escadas da torre*, de Frederic William Burton. ©2017 National Gallery of Ireland

P. 6 *Tristão e Isolda com a poção*, de John William Waterhouse. Domínio público

P. 9 *Pelléas e Mélisande*, ópera de Maurice Maeterlinck e Claude Debussy. Documentos da encenação de Albert Carré [1902-1903]. ©Bibliothèque nationale de France. Gallica

P. 12 Christel Goltz em *A mulher sem sombra*. © Deutsche Fotothek / Abraham Pisarek

P. 14 Osesp. ©Mario Daloia

P. 15 Fabien Gabel. ©Ryodoh Kaneko

P. 16 Sandra Annenberg. ©Divulgação

P. 17 Ernesto Paglia. ©Divulgação

P. 18 Jeffis Carvalho. ©Divulgação



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



Lei Rouanet



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO